



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Caminhos das palavras, trilhas dos corpos: reflexões ético-metodológicas em uma pesquisa sobre intersexualidade
<b>Autor</b>	TIAGO RODRIGUES DA COSTA
<b>Orientador</b>	PAULA SANDRINE MACHADO

## **Caminhos das palavras, trilhas dos corpos: reflexões ético-metodológicas em uma pesquisa sobre intersexualidade**

Tiago Rodrigues da Costa

Paula Sandrine Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No campo político e dos Direitos Humanos, assim como na maior parte da literatura na área das Ciências Humanas e Sociais, tem-se optado pela utilização do termo “intersexo/intersexualidade” para se referir às situações em que os corpos sexuados variam em relação a um parâmetro corporal dicotômico masculino/feminino culturalmente vigente. Essa nomenclatura oficial é fruto de uma reunião de especialistas, que resultou em um artigo conhecido como “Consenso de Chicago”, publicado em 2006, e que teve por objetivo modificar e uniformizar práticas, protocolos e nomenclaturas utilizados de forma não padronizada até aquele momento (LEE, 2006).

Os estudos sobre intersexualidade privilegiaram, tradicionalmente o contexto hospitalar como campo empírico e de análise, ainda que desde uma perspectiva crítica aos procedimentos e definições médicas sobre os corpos intersex. Nesse sentido, uma das questões suscitadas por uma pesquisa anterior a esta remeteu, precisamente, à forma de acesso às pessoas intersex e a relação das mesmas com o espaço e as narrativas biomédicas.

O objetivo do nosso trabalho vai ao encontro da discussão sobre a metodologia de acesso às pessoas intersexuais considerando as disputas políticas e a diversidade das experiências (vivências) dessas pessoas, já que um dos nossos propósitos é refletir sobre tal diversidade contemplando, por exemplo, trajetórias de pessoas que não necessariamente tenham passado pelos diagnósticos ou por todas as intervenções médica, e que também não necessariamente estariam envolvidas na militância intersex.

Nossa pesquisa, ainda em andamento, surge com a discussão sobre como pensar as intersexualidades fora do contexto hospitalar e, para tanto, considerar outras formas de acesso às pessoas, bem como debater sobre a elaboração de um questionário abrangente para diversas vivências possíveis em relação à experiência intersex. Após a finalização do questionário, um novo debate surge: o desafio de criar uma chamada para colocarmos nos grupos que abordam a temática nas redes sociais, ou nos blogs, além de criar uma vinheta para que pudéssemos utilizar as ferramentas da rede social Facebook no qual teríamos um número muito limitado de caracteres, 90 para o título e 200 para o mini texto, e teríamos que ter a mesma abrangência proposta para o questionário

Para avaliar algumas chamadas modelo, organizamos três grupos focais com características diferentes onde disponibilizaríamos as mesmas para diferentes pessoas, para que elas avaliassem a linguagem que estava sendo usada a fim de garantir essa abrangência citada anteriormente. Após análise do material produzido no grupo, o novo desafio era a produção de uma chamada que fosse compreensível e abrangente mas, que, ao mesmo tempo, não reiterasse estigmas, patologização ou produzisse constrangimento às pessoas intersex. A pesquisa, como apontado, ainda se encontra em andamento e apenas começamos a veicular o questionário nas redes sociais. O que buscamos nesse recorte do trabalho é realizar uma discussão sobre os dilemas éticos e políticos suscitados pelos desafios metodológicos de uma pesquisa que se propõe a conhecer outros saberes e experiências da intersexualidade fora do contexto hospitalar, ao mesmo tempo em que se depara com a dificuldade em pensar outras narrativas possíveis, e em consonância com os pressupostos éticos e políticos do estudo, para alcançar tais saberes e experiências de modo suficientemente abrangente e acessível.